

Editorial

Imaginação, Atividades Criadoras e Deficiência

Neste caderno temático, sob o título *Imaginação, atividades criadoras e deficiência*, buscamos refletir acerca das questões que envolvem o funcionamento imaginativo de pessoas com deficiência a partir da Teoria Histórico-Cultural. Esses temas, centrais na obra L. S. Vigotski (1896-1934), são aqui analisados com um enfoque sobre as atividades criadoras que emergem no desenvolvimento psicológico atípico. Uma temática que, de uma maneira geral, é negligenciada nas investigações sobre aspectos ontogenéticos de pessoas com deficiência. Comumente, as questões ligadas à imaginação, quando problematizadas, tendem a enfatizar os feitos extraordinários e/ou exitosos das pessoas com o desenvolvimento padrão. É como se esse assunto inexistisse quando o foco é a pessoa com deficiência. Todavia, para a Teoria Histórico-Cultural, o funcionamento imaginativo e as atividades criadoras, a ele, atreladas independe dessa condição, pois a criação é uma dimensão inerente ao gênero humano. Vigotski indica: “a criação é condição necessária à existência” (Vigotski, 2009, p. 16).

A necessidade e, portanto, a intencionalidade de imaginar e criar para além das condições determinadas objetivamente relaciona-se às experiências ontológicas do ser social que é criador. Além de conservar as experiências anteriormente vividas, a espécie humana também desenvolveu, ao longo da filogênese, a capacidade de imaginar e criar possibilidades de transformar o meio circundante, agir sobre ele, sobre os outros e sobre si mesmo. Não se trata de uma mera adaptação, mas de uma potência ativa para a criação da sua própria história, ao mesmo tempo em que se está determinado por ela. Seja na filogênese ou na ontogênese, a vida é marcada por criações (técnicas, artísticas ou científicas) produzidas pelos indivíduos. A criação, imaginação cristalizada, como diria Vigotski, refere-se às condições específicas da existência em uma determinada historicidade.

Em se tratando da pessoa com deficiência, há muitos questionamentos sobre sua possibilidade imaginativa e criadora. Ainda persiste a crença de que a capacidade cognitiva dessas pessoas é simbolicamente reduzida, quando não ausente. Buscando preencher propositivamente a essas incompreensões, os trabalhos que compõem esse caderno temático colocam em evidência estudos que se debruçam sobre as atividades criadoras dessas pessoas, que possuem trajetórias desenvolvimentais não hegemônicas.

Nos cinco textos aqui apresentados, é importante observar as diferentes formas de expressão e elaboração criadora dessas pessoas e o que elas revelam sobre a diversidade que compõe a expressividade e inventividade humana. Afinal, quais os elementos que configuram os seus processos imaginativos e criadores? De que forma se reverberam no desenvolvimento da pessoa com deficiência? Para responder a essas indagações, pesquisadores na área da educação e da psicologia, de diferentes instituições brasileiras, debatem sobre essas temáticas neste caderno, enfatizando a importância dessas discussões para a efetivação do paradigma anticapacitista em nossa sociedade ainda excludente.

O artigo intitulado *Trabalho Alienado, Trajetórias não Hegemônicas de Desenvolvimento e Capitalismo: o Que A metamorfose de Kafka Tem a Nos Dizer sobre Isso?* – de autoria de Fabrício Santos Dias de Abreu, Daniele Nunes Henrique Silva, Marina Teixeira Mendes de Souza Costa e Fabiana Luzia de Rezende Mendonça – apresenta de maneira crítica e reflexiva como o sistema capitalista na modernidade está fundamentado sob uma égide capacitista que parte da dita normalidade como única forma de ser produtivo na sociedade; aqueles que fogem deste padrão são considerados de menor valia, pois são vistos como incapazes e inúteis. Na discussão realizada, os autores ilustram como as condições materiais e concretas advindas do capitalismo engendram processos de opressão e apagamento do sujeito, tendo como principal fio condutor a obra de Kafka a partir do personagem de Gregor Samsa.

No texto *A Organização de Processos Educativos para o Desenvolvimento da Musicalidade da Criança Surda*, as autoras Tatiane Ribeiro Moraes de Paula e Patrícia Lima Martins Pederiva, ao problematizarem sobre os termos música e musicalidade, refletem sobre os processos educativos direcionados à criança surda que suscitam e potencializam o desenvolvimento da experiência estética. O trabalho desmitifica (pre)conceitos de que a musicalidade não é possível para a criança surda, enfatizando o papel da cultura e, portanto, do outro nos processos educativos. Longe de as autoras definirem um método específico, elas apontam a importância de se levar em consideração as experiências e vivências da criança surda no processo de desenvolvimento da musicalidade.

Nessa linha, o texto *Contando História: o Desenvolvimento da Imaginação e da Criação de uma Criança Cega*, escrito por Fabiana Alvarenga Rangel, analisa o funcionamento imaginativo e a atividade criadora de contar histórias da criança cega. A autora discorre sobre imaginação e criação, segundo os preceitos vigotskianos, destacando a palavra como elemento central para a organização do sistema psicológico. A par disto sinaliza ainda que os processos de compensação na contação de histórias à criança cega ocorrem por meio de técnicas e ferramentas específicas, por exemplo, na forma que a leitura é realizada; a centralidade do modo tátil e na especificidade do movimento da mão-guia. Todavia, elas não bastam! É preciso também uma intervenção qualificada do

outro (mediação pedagógica) para que a criança cega tenha a oportunidade de agenciar suas atividades de imaginar e criar.

Seguindo o foco da contação de histórias, no texto *“A Ciência Pode Classificar Todos os Órgãos de um Sabiá, Mas Não Medir Seus Encantos”*: *Processos Imaginativos de uma Criança com Deficiência*, Kátia Oliveira da Silva e Luana de Melo Ribas discutem acerca dos processos imaginativos e criadores da criança com deficiência intelectual no âmbito educacional, a partir de suas interações com o outro pesquisador. As autoras elucidam que, de modo geral, a literatura na escola é concebida de forma restrita aos fins didáticos e pouco experienciada pelo viés da fruição estética. A partir de dois episódios apresentados e analisados, as autoras destacam a relevância dos processos mediacionais organizados para a emergência da atividade criadora de narrar uma história. Outro ponto do texto versa sobre como as emoções desencadeadas pela história, mediadas pela relação entre criança-pesquisador, promovem mudanças importantes na trajetória de desenvolvimento da criança investigada.

Por fim, no texto *Os Processos Imaginativos e Criadores de Crianças com Deficiência na Perspectiva de Professoras do Atendimento Educacional Especializado*, Hallana Fernandes de Almeida Pacheco, Lia da Rocha Lordelo e Patrícia Carla Silva do Vale Zucoloto pesquisam o contexto em que ocorrem as atividades de imaginar e criar dos estudantes com deficiência na Sala de Recursos Multifuncional, sob a óptica das professoras do Atendimento Educacional Especializado (AEE). As autoras destacam que há fatores que limitam e outros que potencializam os processos imaginativos e criadores das crianças, ao focalizarem, neste artigo, a contação de histórias e o desenho como atividades criadoras que impulsionam o funcionamento imaginativo. Elas também salientam que a formação docente, bem como os materiais disponibilizados para o trabalho e a qualidade das relações na instituição impactam práticas pedagógicas a serem planejadas e desenvolvidas com o foco na criação. Ocorre que as professoras pesquisadas argumentam que, muitas vezes, essas atividades são relegadas a um lugar de menor prestígio pedagógico; quase sem importância. A partir daí, as autoras evidenciam que o trabalho na Sala de Recursos pode implicar em mudanças nessa percepção, colocando a temática do funcionamento imaginativo no centro do debate das intervenções pedagógicas fundamentais ao desenvolvimento de crianças com deficiência. Essa mudança de foco pode ser muito interessante para se pensar em novas propostas para uma educação especial na perspectiva da inclusão.

Marina Teixeira Mendes de Souza Costa,
Daniele Nunes Henrique Silva e
Fabrício Santos Dias de Abreu